

**PRODUÇÃO DE VIDEOAULAS: ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE  
INFORMÁTICA BÁSICA NO CURSO PROFISSIONALIZANTE DE LIBRAS**Jeannie Fontes Teixeira – Seduc/CE<sup>1</sup>Ana Célia Clementino Moura – UFC<sup>2</sup>Gleiciane Pereira da Silva – Seduc<sup>3</sup>**Resumo**

As metodologias ativas ganham espaço nas escolas cearenses proporcionando experiências de aprendizagem significativa, sobretudo no curso de Libras da EEEP Joaquim Nogueira. Nosso trabalho descreve sucintamente as etapas de uma sequência didática que oportuniza a produção de conteúdo digital em Libras e Português, voltado aos conteúdos de Informática Básica, pelos alunos do primeiro ano do curso de Libras, cujo público é constituído de surdos e ouvintes. Dada a escassez de material didático próprio a este público e no intuito de oportunizar o protagonismo do aluno, propusemos a criação de videoaulas elementares dos conteúdos estudados priorizando a habilidade de aprendizagem que promove a maior retenção de conteúdo, segundo Glasser (2018), a de ensinar aos outros. Outra metodologia associada foi a da aprendizagem cooperativa para fomentar a cooperação entre os alunos. As videoaulas produzidas foram reunidas e publicadas no YouTube em um canal administrado pela docente.

Palavras-chave: Metodologias ativas; Produção de conteúdo; Protagonismo estudantil; Libras; Habilidades de aprendizagem

**1 Introdução**

O presente trabalho tem como objetivo descrever e discutir uma estratégia didática baseada nos preceitos da Aprendizagem Cooperativa para o ensino de Informática Básica, a qual foi aplicada em uma turma mista de surdos e ouvintes de uma escola de educação profissional do Estado do Ceará. Um dos desafios de ensinar ao público surdo é respeitar suas especificidades e criar ou adaptar as atividades de modo a atendê-las.

Câmara Silva (2018) trata essa problemática no âmbito na Base Nova Comum Curricular, BNCC. A autora argumenta as mudanças propostas não favorecem a aprendizagem e a implantação de estratégias específica para o surdo, ou seja, as mudanças propostas acrescentam pouco e não priorizam a redução do possível fracasso escolar deste público.

<sup>1</sup>Graduada e Mestra em Letras pela Universidade Federal do Ceará- UFC, professora regente do Laboratório de Informática da EEEP Joaquim Nogueira, jeanniefontes@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra (1997) e Doutora em Educação, pela Universidade Federal do Ceará (2002), professora do curso de Letras da UFC, [acmoura27@gmail.com](mailto:acmoura27@gmail.com)

<sup>3</sup> Intérprete de Libras da EEEP Joaquim Nogueira, gleicianeps@gmail.com

Para Almeida e Vitalino (2012, apud TAVARES e CARVALHO, 2010, p. 3):

Percebe-se que em nosso país, entre os documentos que compõem o conjunto de leis denominados Políticas Públicas e sua implementação, há um grande fosso. Com as políticas públicas educacionais na área de educação de surdos, não é diferente. (...) Mas, na prática, o que se percebe, é o aluno surdo mais excluído do que incluído nas salas de aula regulares (...).

Do ponto de vista do sucesso escolar, o desempenho dos surdos na escola básica não é satisfatório, fato corroborado pelos resultados deste público nas avaliações externas. Se os métodos tradicionais de ensino, baseados no ouvir e no falar, já não são plenamente eficientes na era digital em que vivemos, ponderamos a dificuldade do surdo que acessa a informação das aulas por meio da Libras, traduzida pelo intérprete, vivenciando uma metodologia passiva, tradicional.

Savegnago (2015) aponta que os métodos tradicionais proporcionam pouca retenção dos conhecimentos. Deste modo, detectamos uma grande lacuna em metodologias ativas para o surdo, o qual poderia se beneficiar da utilização destas. Corroborando nossa hipótese, apresentamos Glasser (apud Silva, Luzardo, 2018), o qual defende em sua pesquisa que as metodologias mais exitosas, para quaisquer alunos, são aquelas nas quais os discentes são o centro do processo, ou seja, quando este realiza atividades práticas que requeiram uma socialização dentro de uma prática social de linguagem como por exemplo, realizar um seminário, fazer uma exposição ou dar uma aula. Segundo este estudioso, as metodologias ativas mencionadas elevam a aprendizagem para um percentual de 90%, frente aos 30% das metodologias passivas que privilegiam o ato de **OBSERVAR** – caso prototípico dos surdos –, como podemos observar pela pirâmide elaborada por este autor.

Figura 1



Fonte: <http://www.ceesd.org.br/piramide-de-aprendizagem-de-william-glasser/>, acesso em 25/07/2019

Consideramos a Aprendizagem Cooperativa um exemplo de metodologia ativa uma vez que sua prerrogativa é que se trabalhe em equipe, discutindo, debatendo, definindo tarefas e,

sobretudo, explicando e definindo os conteúdos propostos em prol da resolução de uma atividade ou elaboração de um produto, conforme o que afirma Dias (2016, p.02) sobre as particularidades das metodologias ativas elencamos:

- ✓ Centradas no aluno;
- ✓ Envolvem métodos e técnicas que estimulam a interação aluno x professor, aluno x aluno e aluno x material didático e outros recursos de aprendizagem.
- ✓ Aprendizagem colaborativa e significativa;
- ✓ Reflexão crítica sobre a experiência;
- ✓ Maior apropriação e divisão das responsabilidades no processo de ensino-aprendizagem;
- ✓ Desenvolvimento de capacidade para autoaprendizagem;
- ✓ Favorece uma maior retenção do conhecimento;
- ✓ Produz melhoria no relacionamento interpessoal

Assim, pretendemos descrever uma estratégia exitosa de ensino na qual propusemos a produção de conteúdo digital nas aulas de Informática básica, bem como discutir os resultados e contribuir com futuras estratégias didáticas para o ensino de salas mistas e, ainda, fomentar a inclusão nas escolas de educação básica.

## 2 Procedimentos Metodológicos

Nossa pesquisa foi realizada numa escola de educação profissional no Estado do Ceará a qual possui o curso Técnico de Libras integrado ao ensino médio regular. Especialmente no primeiro ano de cada turma de Libras, pode haver dificuldades de aprendizagem por parte dos alunos surdos, haja vista a maioria das disciplinas ser ministrada por professores ouvintes, cujas estratégias didáticas socializadas e adotadas massivamente são as apresentações digitais, popularmente, *slides* e metodologias majoritariamente passivas. Embora não seja o propósito deste trabalho, ressaltamos que a formação continuada de professores como foco em metodologias assertivas e ativas, sobretudo direcionada para os alunos surdos, é primordial para o sucesso escolar.

A turma estudada é caracterizada por 32 alunos, sendo 17 ouvintes e 15 surdos, os quais cerca de 40% destes possuem distorção idade-série. Nossa pesquisa concentrou-se na abordagem qualitativa descritiva. Trataremos a seguir do problema que a motivou.

No currículo básico do curso de Libras é obrigatória a disciplina de Informática básica, cujos objetivos primeiros são proporcionar aos alunos a desenvoltura necessária para utilizarem as mídias digitais e programas básicos de edição de texto, criação de apresentações e planilhas eletrônicas. A metodologia utilizada pela docente é mista, pois ela mescla aulas expositivas (com o uso de projetores de slides) e projetos em equipes que proporcionam a criação de um produto digital, tal como uma postagem, um currículo em formato digital, um folder, etc. Em sua prática, a

docente observou que os alunos surdos não conseguiam acompanhar a aula expositiva, necessária para a apreensão dos primeiros conceitos para as etapas seguintes, pois sua atenção visual era dividida entre a intérprete de Libras e as imagens projetadas. No primeiro bimestre letivo, as estratégias utilizadas, na maioria passivas, não foram eficientes para motivar os alunos. O resultado foi que cerca de 70% dos estudantes não conseguiram alcançar os objetivos de ensino daquela etapa.

A partir da metodologia da aprendizagem cooperativa, na qual a estratégia de ensino começa desde a formação das equipes, a docente separou os alunos em grupos segundo particularidades de aprendizagem que observou, mantendo alunos de baixo e alto desempenho na mesma equipe: a ideia era de que um ajudasse o outro. Em seguida, foi traçada uma sequência didática que privilegiasse o surdo nas atividades propostas, ou seja, ele seria o executor da atividade fosse ela gestualizada (equivalente à oralizada para os ouvintes) ou escrita. Partindo da base da pirâmide de Glasser, a qual aponta que o melhor índice de aprendizagem é quando ensinamos aos outros, a professora propôs aos alunos a criação de uma série de videoaulas de informática básica – com os conteúdos que já haviam sido ministrados naquele semestre), que fossem acessíveis para surdos, ou seja, ministrada em Libras.

A docente estabeleceu um cronograma de atividade e tarefas, bem como fez a divisão de temas por equipes e organizou os espaços e materiais necessários para as gravações dos vídeos. Foi solicitado aos alunos que legendassem o vídeo em Língua Portuguesa, a fim de tornar o material acessível aos ouvintes não-falantes da Libras. A aprendizagem cooperativa foi fundamental para o sucesso do empreendimento, pois a troca de saberes e discussões contribuiu para a execução dos vídeos. Os vídeos foram reunidos em um canal do *You Tube*, administrado pela docente. Os próprios alunos postaram os vídeos em suas contas pessoais, identificados com as Tags Informática Básica, Libras e os links enviados à professora para que pudessem ser identificados e divulgados. O público em geral pode assistir aos vídeos pelo canal da escola, como por exemplo o vídeo intitulado “Informática para Surdos: Partes básicas de um computador”( disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=mvqxAKcMmhY&list=PL9gT0yw93pLl2-C6m7G4Ed3-0JQ7dExU6&index=4>, acesso em 26/07/2019)

### 3 Resultados e Discussão

Apesar das dificuldades técnicas, a estratégia utilizada foi de grande valia tanto para o público surdo quanto para ouvintes. Além de serem bem-sucedidos nos objetivos educacionais do bimestre, os alunos desenvolveram habilidades relacionadas às Tecnologias de Informação e

Comunicação e demonstraram protagonismo ao pesquisarem e utilizarem sem auxílio da docente ferramentas digitais que possibilitassem a execução do trabalho. Ao final no bimestre que foi realizada a sequência didática, cerca de 90% dos alunos surdos alcançaram os objetivos de ensino propostos.

#### 4 Conclusão

Neste trabalho descrevemos uma estratégia didática colaborativa baseada na metodologia da aprendizagem cooperativa com vistas à produção de conteúdo digital por uma turma mista de alunos surdos e ouvintes de uma escola pública de educação básica cearense. A partir da pirâmide de aprendizagem de Glasser, definimos uma estratégia didática que privilegiasse a ação de ensinar a alguém, prevendo uma melhor apreensão do conteúdo por parte dos alunos. A sequência didática possibilitou a viabilização de uma pequena série de videoaulas produzida e publicada em uma plataforma de vídeos digitais pelos próprios alunos, material o qual foi posteriormente num canal público administrado pela docente. Por meio da inovação na estratégia os alunos não só alcançaram os objetivos didáticos traçados para o bimestre letivo (cerca de 90% da turma), como também desenvolveram outras, relacionadas à convivência, cooperação e protagonismo. Fomentamos também a reflexão sobre a necessidade de a criação de materiais didáticos em Libras e sobre o papel dos estudantes, enquanto cidadãos, para modificar a sociedade.

#### 5 Referências

LACERDA, C. B. F. O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes: Problematizando a questão. In: LACERDA, C. B. F.; GÓES, M. C. R. (Org.) Surdez: processos educativos e subjetividade. São Paulo: Lovise, 2000. p. 51-84.

SILVA, Renata de A. C. Um olhar sobre o surdo na nova Base Nacional Comum Curricular no Brasil. In: Revista Virtual de Cultura Surda. São Paulo: Editora Arara Azul. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/6%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%2023%20de%20CAMARA%20SILVA.pdf>, acesso em 20/07/2019.

SAVEGNAGO, Cristiane Comparin. Avaliação do Homem Virtual em Hanseníase na aprendizagem baseada em equipes (Team-Based Learning) na Graduação Médica. 2015. Disponível em: <http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/handle/123456789/2642>. Acesso em: 25 jul. 2019. SILBERMAN, M. Active learning: 101 strategies do teach any subject. Massachusetts: Allynand Bacon, 1996.

SILVA, F. L.; MUZARDO, F. T. Pirâmides e cones de aprendizagem: da abstração à hierarquização de estratégias de aprendizagem. Dialogia, São Paulo, n. 29, p. 169-179, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/index.php?journal=dialogia&page=article&op=view&path%5B%5D=7883>